

Pessoa idosa e Internet: Uma Experiência com Mulheres Participantes da “UnAPI na Quarentena”¹

Elderly and Internet: An Experience with Women Participating in the “UnAPI in Quarantine”

Luana Curitiba Dias², Maria Cristina Smith Menandro²

RESUMO: O objetivo deste artigo foi analisar concepções sobre ser idoso e sobre internet para 8 idosas participantes do projeto “UnAPI na quarentena” da UFES. Utilizou-se para análise das entrevistas a técnica de análise de conteúdo, e o referencial teórico norteador foi a Teoria das Representações Sociais. A pessoa idosa foi apresentada como aquela que tem sabedoria/experiência, mas que também é limitada e suscetível a doenças. A internet foi vista como meio de comunicação e interação positivas e negativas. Com o estudo é possível a percepção de que velhice e internet não são palavras antagônicas.

Palavras-chave: Idoso; Internet; Concepções; UnAPI; Quarentena.

ABSTRACT: The aim of this article was to analyze conceptions about being elderly and about the internet for 8 elderly women participating in the “UnAPI in quarantine” project at UFES. The content analysis technique was used to analyze the interviews, and the guiding theoretical framework was the Theory of Social Representations. The elderly person was presented as one who has wisdom/experience, but who is also limited and susceptible to illnesses. The internet was viewed as a means of positive and negative communication and interaction. With the study, it is possible to perceive that old age and the internet are not antagonistic words.

Keywords: Ag Elderly; Internet; Conceptions; UnAPI; Quarantine.

Introdução

O declínio da mortalidade, vinculado a menor fecundidade e às melhorias da qualidade de vida da população, permitiu o que vivemos hoje: O envelhecimento da população brasileira. Se antes, pensava-se a estrutura da sociedade a partir de uma

¹ A pesquisa foi financiada por meio de bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

pirâmide com a base maior e o topo menor, hoje já se percebe um maior arredondamento desta pirâmide, com maior concentração de pessoas no topo (Berquó, 1999). Assim, os Baby Boomers dos anos de 1950, transformaram-se nos atuais Elderly Boomers de países como Chile, México, Inglaterra, Japão e o Brasil (Camarano, Kanso & Fernandes, 2016).

A população brasileira deverá crescer até 2035, atingindo seu número máximo de 214 milhões de habitantes, quando, a partir daí, começa certo decréscimo podendo chegar a 206 milhões, em 2050. Porém, para a população idosa espera-se perspectivas apenas de crescimento, sendo que em 2050, 33% da população poderá ter 60 anos ou mais. A partir de 2045, apenas o contingente idoso terá uma taxa positiva de crescimento e, conforme a idade aumenta, haverá a predominância de mulheres e de uma população acima dos 80 anos (Camarano et al., 2016).

Independentemente de tais projeções estima-se que o perfil da velhice esteja em transformação, sendo possível perceber: Uma menor quantidade de mulheres idosas voltadas apenas para o cuidado, e até morando menos com seus familiares; estando em menor união do que os homens; variando em questão da limitação de atividades diárias, uma vez que quanto maior a formação superior menor o grau de dependência (Camarano et al., 2016; Minayo & Firmo, 2019; Romero et al., 2021).

A cultura e o tempo promoveram modificações nas formas de se visualizar e conceber a velhice e, principalmente, o amadurecimento na compreensão de que não é possível existir um conceito que seja mundialmente aceitável e que se encaixe a todas as realidades (Coutrim, 2006; Veras, 1994). No Brasil, com a vigência do Estatuto do Idoso a partir de 2004, são consideradas idosas as pessoas que possuem 60 anos ou mais (lei 10.741/2003). Entretanto, à despeito de denominação legal, encontramos nomenclaturas que buscam caracterizar ou distinguir fases da velhice. Moura e Veras (2017) mencionam exemplos de tais nomenclaturas, como “jovens-velhos” referindo-se a pessoas entre 60 e

70 anos, “velhos” para os que estão entre 80 e 90 anos, e a designação de “muito velhos” referindo-se àqueles que estão acima de 90 anos. Há ainda termos como “velho-jovem” aplicados às pessoas com idades entre 60 e 79 anos, e “velho-velho” caracterizando pessoas a partir de 80 anos (Minayo & Firmo, 2019). Expressões como “terceira idade, melhor idade, adulto maduro, idoso velho, meia-idade, maturidade, idade maior e idade madura” (Schneider & Irigaray, 2008, p. 588) também têm sido utilizadas e buscam contribuir com as identificações dessa fase da vida.

Pode se citar ainda, a classificação da velhice como da fase da “maturescência”, “maturidade de fato” e a “idade da conquista”. A primeira descreve a fase referindo-se àqueles que não se reconhecem como pessoas idosas de fato, sendo pessoas que acabaram de sair da fase adulta e estão vivendo os primeiros anos do pós 60. Na fase da “maturidade de fato”, estão aqueles que após completar 70 anos, percebem mudanças e limitações a ponto de se autodeclararem pessoas idosas. Na “idade da conquista”, há a percepção de orgulho por chegar aos 80 anos e ultrapassá-los, sendo o foco dessa fase a atenção à saúde e o esforço para manter uma vida com autonomia (Pádua & Beche, 2018). É interessante pontuar, que independentemente da imagem construída pela pessoa idosa sobre ela mesmo, seja de ser uma pessoa limitada, doente, sábia ou experiente, o mercado consumidor se adequou e absorveu as demandas deste grupo (Camarano, 2018).

Nesse campo de significados e conceitos heterogêneos uma parcela da população idosa (se reconhecendo como tal ou não) adentra num mundo cuja criação e evolução ocorreram quando eles já viviam a condição de adultos: O mundo virtual. Esse meio síncrono e assíncrono, de mensagens instantâneas e rápidas trouxe grandes mudanças para as relações individuais e sociais a partir do surgimento da *internet* em 1990. A *internet* está cada vez mais presente na vida das pessoas idosas que de meros estrangeiros dessa tecnologia passaram a utilizá-la e aplicá-la em seu cotidiano (Ferreira, 2010). Pergunta-

se então: O que é a *internet* e o que ela representa para a população, hoje? Uma pesquisa realizada no último semestre de 2018 já apontava para o aumento do uso da *internet* por grupos a partir dos 55 anos (Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios [PNAD], 2020).

O *WhatsApp* é apontado em estudos como principal ferramenta utilizada por pessoas idosas para, entre outras coisas, manter contato com amigos e familiares em momento de maior afastamento da sociedade, por motivos de aposentadoria, mudança da estrutura familiar – como morte ou saída de algum membro – melhorando a autoestima, a qualidade de vida, a cognição, amenizando a solidão e até a depressão dessa população (Ferreira & Teixeira, 2017; Marchi, 2019; Meireles & Fortes, 2016).

Na pandemia a *internet* virou forte aliada das pessoas idosas que se introduziram nessa grande bolha de comunicação. Neste cenário, o *WhatsApp* apareceu como uma das redes de comunicação que mais teve ganhos na quantidade de uso, perdendo apenas para o *Facebook*. Em relação às pessoas idosas, foi possível perceber também, o aumento de sua permanência e mudança no comportamento com maior consumo de streamings e compras *online*, sendo que 62% dos maiores de 55 anos disseram ter adotado a *internet* no seu cotidiano (Kantar, 2021).

Neste período, com a caracterização da Covid19 como pandemia por parte da Organização Mundial de Saúde no ano de 2020 e a constatação inicial de que as pessoas mais velhas eram atingidas com sintomas mais graves da doença causada pelo coronavírus, pessoas idosas foram classificadas como grupo de risco para tal doença. O medo da morte, tristeza, sensação de impotência e luto coletivo foram sentimentos presentes nesse período de crise nacional e internacional (Correa & Justo, 2021, Romero et al., 2021).

Como importante medida preventiva da Covid19 foi adotado o distanciamento social que variou com diferentes níveis de restrição conforme determinações

governamentais nos âmbitos federal, estaduais ou municipais. A realidade de muitas pessoas idosas mudou. Para o grupo de idosos da Universidade Aberta à Pessoa Idosa (UnAPI) esteve presente uma nova ferramenta: O grupo de *WhatsApp* da UnAPI “UnAPI na quarentena”. Com um formato inovador, a UnAPI, que antes utilizava os espaços da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), passou a se fazer presente por meio da internet e redes sociais, trazendo atividades, exercícios físicos e discussões para esse momento de isolamento. O uso da tecnologia foi uma ideia ousada. Por um lado, trazia noção de grande seletividade, principalmente pela dificuldade que muitas pessoas idosas teriam para acessar o celular e as atividades passadas pelos facilitadores, ou mesmo ter internet disponível para melhor participar. Por outro, essa ferramenta era a disponível naquele momento.

O primeiro semestre de atividades online, que ocorreu de março a junho de 2020, foi repleto de descobertas e aprendizados para todos. Após esse primeiro semestre e os preparativos para o segundo, começou-se a refletir: De que forma a internet esteve/está presente no cotidiano de pessoas idosas nesses dias de pandemia? Quais significados as pessoas idosas atribuem a si mesmos (considerando o grupo etário ao qual pertencem) e sobre a internet?

Este artigo, é fruto da pesquisa realizada para dissertação de mestrado “O idoso e a internet: Um estudo com participantes do grupo ‘UnAPI na quarentena’”, cujo estudo se iniciou em março de 2020, período em que foi declarado o início da pandemia, e defendido em março de 2022, dois meses antes da declaração do fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, para a Covid19, pela OMS.

Considerando o exposto, o presente artigo objetiva conhecer e analisar as concepções sobre ser idoso e sobre internet para oito participantes do grupo “UnAPI na

quarentena”. Para isso, utilizamos como referencial teórico, a Teoria das Representações Sociais.

Referencial teórico

A teoria escolhida para subsidiar essa pesquisa foi a Teoria das Representações Sociais (TRS). Essa teoria, de abordagem psicossociológica, foi iniciada por Serge Moscovici, ao estudar de que forma a teoria científica estaria apropriada pelo homem em seu senso comum (Chaves & Silva, 2011; Vala, 2002). Interessa-se pela forma como o universo reificado, de rigor metodológico, se encontra dentro do universo consensual, onde estão presentes as interações humanas. Não há hierarquia entre esses dois mundos, que por sinal, não estão distantes, havendo a busca por dar sentido ao não familiar, transformando-o em familiar (Chaves & Silva, 2011).

As representações sociais são teorias dentro do senso comum, visualizadas pela forma do agir e posicionamentos dos grupos. Não se trata apenas de um espelho que reflete uma forma de pensar, mas a reestrutura das experiências e valores que se acredita. Assim sendo, não aparecem como mitos, falsos e distantes da realidade, e sim como algo apoiado em uma memória coletiva, inserida na sociedade, que são transmitidas de geração em geração (Chaves & Silva, 2011; Vala, 2002).

Nas representações sociais das idosas participantes dessa pesquisa, estarão inseridos valores, identidade, crenças e significados existentes na memória coletiva do grupo ao qual elas pertencem. São esses valores, significados e concepções que se interessa neste artigo. No campo vasto de pesquisa das representações sociais é possível citar trabalhos que abordem sobre o tema deste artigo.

Araújo, Coutinho e Santos (2006) estudaram a diferença na representação social em pessoas idosas de Instituições de Longa Permanência (ILP's) e de pessoas idosas de grupos de convivência. O primeiro grupo, mais isolado, vinculou a ideia de velhice à

doença e como fase da vida que precisa receber cuidados. Por outro lado, os que pertenciam aos grupos de convivência não se reconheciam como pessoas na fase da velhice, uma vez que ainda se divertiam. A visão negativa encontrada em nossa sociedade para definir este segmento contribui para a não identificação da pessoa idosa como aquela que pode ser saudável e feliz. Estes grupos pertencem a realidades diferentes, com maior nível de isolamento para os moradores das ILP's.

Nessa mesma linha de estudo, Veloz, Nascimento-Schulze & Camargo (1999) realizaram sua pesquisa com 37 idosos sendo eles: Professores aposentados da UFSC; participantes de uma Universidade para a Terceira Idade; residentes de centros para idosos. A representação perpassou pelo sentimento de “perdas”: Perda de laços familiares, perdas físicas, perda de capacidade de trabalho e desgaste natural. Como positivo, identificou-se a sabedoria e experiência que as pessoas idosas adquiriram ao chegar nessa fase da vida.

No que concerne aos trabalhos voltados para as representações de pessoas idosas em relação à internet, apareceu-se concepções vinculadas a ideia de interação e inserção social. Ferreira e Alves (2011) apresentaram a Representação social dos idosos em relação à internet como aquela que permite trocas, menos solidão, não isolamento, sendo também uma forma de se inserir na sociedade. O trabalho de Castro (2019) não destoa do trabalho de Ferreira e Alves (2011) uma vez que a Representação Social de internet identificada possui em seu núcleo central termos como acesso e utilidades. O que aparece como novo, são os elementos identificados nos elementos periféricos, que são os perigos e riscos da internet. Quanto maior a frequência do uso de internet menor a vinculação com o pensamento de crimes e o uso da internet como perda de tempo, além de que há maior possibilidade de enxergá-la como ferramenta que pode ser explorada e aprendida por pessoas idosas.

Diante de um isolamento social provocado pela pandemia do novo coronavírus, reinvenções e busca por novas formas de interação foram necessárias principalmente pela necessidade de se manter um distanciamento social. Este fato pode ter contribuído com a mudança na forma, por parte das pessoas idosas, de visualizar a internet e sua própria velhice. Na UnAPI da UFES, a internet representou grande aliada na criação do projeto “UnAPI da quarentena”.

Método

A UnAPI da UFES tem como objetivo o fortalecimento da cidadania da pessoa idosa por meio de uma educação permanente sob a ótica do direito (Programa de Extensão, 131). Buscando se manter presente na vida dessas pessoas, a UnAPI deu continuidade a suas atividades de forma online por meio dos seguintes salas/grupos de *WhatsApp*: Direito e Cidadania/ Envelhecimento e Questões Sociais; Oficina de SmartIdoso (Núcleo de Cidadania Digital); Vivências e Criatividades/ Mensagem Reflexiva e Interativa com musicalidade; Saúde e Qualidade de vida/ Oficina de Memória; Ciências no dia a dia (PET Engenharia Elétrica); Café com Prosa/ Velho, Eu?- Lidando com Isolamento Social; Oficina de inglês; Oficina de Espanhol; Oficina de Francês; Exercício Físico/ Dança Sênior.

Ao todo participaram dessas atividades (e outras que foram surgindo com o avançar dos semestres e a continuidade da pandemia) cerca de 120 pessoas idosas que puderam escolher mais de um grupo para participar de acordo com a disponibilidade e horário de cada atividade. Estas pessoas foram convidadas a responder (estudo 1) um questionário online que trazia perguntas de identificação do sujeito, e sobre internet, infância, juventude, velhice e UnAPI. Esta primeira parte do trabalho foi analisado por meio da aplicação da técnica de evocação livre das palavras e, ao final, havia a

possibilidade de indicar o desejo de continuar participando da pesquisa, gerando assim o estudo 2 que embasa este artigo.

A manifestação de interesse em continuar a participar dessa pesquisa partiu de 30 pessoas idosas, sendo que destes, apenas 1 era do sexo masculino, que não correspondeu à continuidade após o contato por *WhatsApp*. Selecionou-se as participantes de forma aleatória, enviando uma mensagem que convidava para participação. Após a confirmação de interesse de continuar participando da pesquisa, enviou-se para as 8 participantes um folder explicativo dizendo o que seria necessário para a entrevista: Aparelho eletrônico com internet (por exemplo: celular, computador, *notebook*, etc.); Espaço silencioso e reservado para evitar ser interrompido durante a entrevista; O tempo da entrevista varia de acordo com cada participante (estima-se entre 25 minutos e 1 hora); Será enviado um link para o participante entrar na plataforma (não se preocupe, caso tenha dificuldade eu assessorarei).

As idades das participantes foram: P1 (81 anos), P2 (79 anos), P3 (80 anos), P4 (67 anos), P5 (74 anos), P6 (65 anos), P7 (65 anos), P8 (68 anos). Como instrumento de coleta dos dados utilizou-se um questionário com roteiro semiestruturado com perguntas abertas que foram realizadas por meio de vídeo chamadas.

O roteiro da entrevista semiestruturada contou com 7 grupos de questões de perguntas abertas que eram respondidas a partir da interlocução com a pesquisadora. Foram elas: 1- Você se considera idoso? Descreva “ser idoso” para você; 2- O que mudou na sua forma de pensar a vida e em você nessa quarentena?; 3- Descreva como a internet estava presente em sua vida antes da pandemia; 4- De que forma a internet está presente hoje em sua vida?; 5- Se alguém, que nunca teve contato com tecnologias, te perguntasse “o que é internet?”, o que você responderia?; 6- Em sua opinião, quais são os pontos

positivos do uso da internet? ; 6.1- E os negativos?; 7- Geralmente você acessa a internet para qual finalidade?

Para aproximação das concepções sobre “ser idoso” e de internet para essas idosas utilizou-se a técnica da análise de dados. Três polos guiam o pesquisador no passo a passo da análise de dados: A fase 1, de pré-análise, onde se organiza os documentos, objetivos e os *corpus* que irá se trabalhar tendo em vista as regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade, pertinência e exclusividade. Na fase 2, de exploração de material, há certa organização, onde se identifica frases mais expressivas, assim se codifica, classifica e se categoriza as informações tidas. Na fase 3, que é do tratamento dos dados chega-se ao momento de interpretar os dados, sendo possível fazer inferências, indo além do que foi dito, perde-se a individualidade com a construção de um todo (Bardin, 1977; Câmara, 2013).

Conforme as resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, no início de cada entrevista foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), pedindo-se para que as participantes expressassem estar ciente e de acordo com o que foi lido. Após isto, enviou-se para todos as participantes o TCLE, além de ter deixado claro a possibilidade de retirada da pesquisa em qualquer fase.

Resultados e Discussão

Tendo-se como norte a organização da técnica escolhida, e considerando as limitações colocados para o espaço de um artigo, expõe-se aqui alguns dados deste estudo, separados pelos blocos de perguntas. Estes, são passíveis de respostas múltiplas (internet, por exemplo, pode representar para a mesma pessoa “conexão” e “afastamento de quem mora junto”), o que explica maior frequência (*f*) que número de sujeitos em algumas respostas.

Você se considera idoso?

Buscou-se saber por parte das idosas entrevistadas se elas se reconheciam como idosas e se sim ou não, o que significaria para essa mulher idosa, ser idosa. Para além do sim ou não, a resposta para a pergunta “Você se considera idoso?” formou duas categorias: Por um lado aqueles que se achavam idosos, e reconheciam como uma fase de *aprendizado/ sabedoria* ($f=4$), e de outro lado aqueles que viram a *velhice como algo que não chegou* ($f=4$), onde o idoso poderia até se ver como tal mas com afirmações como: “que não era fraca” (P2); “sim, me considero, mas não me sinto” (P3); “não, apesar da idade.” (P8).

A recusa de ser e parecer “ser idoso” pode estar vinculado a imagem que se tem em nossa sociedade sobre “ser idoso”. Entre recusas e afirmações sobre essa fase que se vive, entrou-se na segunda colocação.

Descreva “ser idoso” para você.

Foram encontradas 3 categorias para essa colocação. São elas: *Sabedoria*, *saúde-doença e limitado*. Em *sabedoria*, encontrou-se pessoas idosas que vivenciavam uma fase de maior consciência e aceitação da fase em que vivia com autoconhecimento e possibilidade de ainda se ter sonhos. Na categoria *saúde-doença* estiveram presentes falas de pessoas que visualizavam esta fase como propícia a sofrer com algum tipo de comorbidade, gerando preocupação; na terceira categoria que surgiu com essa pergunta, foi possível a construção da categoria *limitado*.

Neste bloco de pergunta estiveram presentes falas de idosas que enxergavam essa fase como um momento de reclamações, de pessoas que ficam “choramingando” e até frustração devido às limitações vivenciadas com a chegada da velhice. Ressalta-se ainda, que nessa fase da entrevista foi possível perceber como a influência materna interferiu na percepção que as idosas construíram sobre essa fase da vida. Sendo citado por P1, P6 e

P8, por exemplo, como suas mães lidaram ou estão lidando com esse momento, ficando evidente em P8, que já havia colocado que não se considerava idosa apesar da idade, a visão de que sua mãe era idosa devido suas limitações: “agora devido às limitações, com certeza é considerada uma idosa” (P8).

A ideia trazida, nas concepções das idosas, do idoso como aquele que é limitado ou doente, apesar de experiente e sábio, é absorvida pelo mercado consumidor que apresenta produtos para os dois segmentos: Para aqueles idosos que são ativos ou assim se consideram, que consomem viagens, atividades físicas etc., ou aqueles que são e/ou se consideram frágeis, consumindo produtos voltados para saúde precisando de certos tratamentos, medicações, fraldas etc. (Camarano, 2018).

É possível perceber que a imagem de “ser idoso” não destoa do que se encontra em outros estudos que abordam sobre o tema. Para definir o envelhecimento ou “ser idoso” é necessário compreender o contexto em que ele está inserido, assim como a valorização que se dá ou não para esse segmento de acordo com a cultura e momento histórico que se encontra a sociedade (Coutrim, 2006). Além disso, a complexidade na definição de “ser idoso” vai além da idade, no entanto que ter 60 anos não faz com que todas as idosas se autodeclarem e se sintam como tal. A identificação ou não de ser velho pode estar implicado à ideia que se tem sobre a velhice, o que poderia trazer o questionamento: O que classificaria uma pessoa como velha, além do fato de ter 60 anos? Os cabelos, as rugas, uma forma de pensar mais conservadora? Como afirma Schneider & Irigaray (2008), uma pessoa idosa de 90 anos pode apresentar funcionalidades melhores do que uma de 65 anos com problemas de saúde.

Nesse recorte da pesquisa, a classificação da velhice de acordo com a fase da maturidade, maturidade de fato e da idade da conquista, não correspondeu a forma como essas mulheres se viam. Um exemplo disso é o fato de que duas das quatro idosas

que não se sentiam ou não se consideravam idosas pertenciam ao grupo da maturidade de fato (pós 70) e idade da conquista (pós 80). Uma possibilidade para tal fato pode ser o que se tem sido discorrido ao longo desse artigo que é a não padronização da velhice e a influência de outros meios na autoidentificação do idoso como idoso.

O que mudou na sua forma de pensar a vida e em você nessa quarentena?

As categorias criadas que deram resposta ao que mudou na forma de pensar a vida, foi o fato de *não poder viajar ou ter contato físico* ($f=5$), tendo muitas vezes que reaprender a viver no espaço criado por cada idosa. *Contato com a casa e meios de comunicação* ($f=3$), onde se usou como refúgio meios de comunicação como celular, telefone, internet. Tiveram também aquelas que afirmaram *que não houve mudança* ($f=2$), onde se afirmava que os valores continuaram os mesmos. Por último, a forma de pensar a vida também teve como categoria o *adoecimento de familiar* ($f=2$), onde o adoecimento de familiares, por covid e depressão, trouxe novos ajustes e até necessidade de abandonar o isolamento social vivido até então.

Sobre o que mudou em *cada idoso* com a chegada da pandemia, apareceu a categoria de *Introspecção* ($f=5$), onde foi apontado pelas idosas que a maior mudança foi sobre a forma de pensar, refletir sobre a quantidade de bens materiais que se tinha, e também foi um momento de sentir raiva, solidão, medo, necessidade de menor cobrança e paciência.

Os conflitos, sentimento de impotência e sofrimento sentido por estas idosas, pode ter sido sentido diferente para esse grupo etário, uma vez que as restrições postas foram maiores, por estarem inseridos em um grupo considerado de risco para o Covid-19, sendo inclusive, identificados de forma homogênea, como se os jovens hipertensos ou pessoas obesas-não idosas também não estivessem inseridas no grupo de risco. O medo da morte

se fez constante principalmente diante de medidas que pareciam lentas para uma pandemia que evoluiu de forma rápida (Correa & Justo, 2021).

É possível afirmar que quando mais isolado, mais tristeza ou depressão se fizeram presentes nos domicílios. A pandemia, conforme Romero et al. (2021), representou um luto coletivo e abandono, somada a falta de políticas de proteção social.

Como a internet estava presente em sua vida antes da pandemia e de que forma a internet está presente hoje em sua vida?

Como percebe-se os meios de comunicação e a internet já foram se apresentando como presentes na vida dessas idosas como ferramenta de refúgio. Como grupo heterogêneo com históricos de vidas diferentes, as idosas vivenciaram esse momento de pandemia, com a internet, de forma diferente, com maior ou menor intensidade. Enquanto umas tiveram que buscar auxílio para aprender a utilizar a internet, outras já a utilizavam como algo rotineiro e diário.

Ao se perguntar sobre o uso da internet *antes* da pandemia, obtivemos duas categorias: *Quase zero* ($f=4$) formada por aquelas idosas que tinham medo, usavam com algum tipo de auxílio ou só para o necessário. E a categoria *dia e noite* ($f=4$) que são daquelas idosas que já tinham costume de acordar mandando mensagem para seus contatos, ou que tinham lojas de computadores e periféricos, estando há anos inserida nesse meio, ou ainda aquelas que usavam para grupos de igreja.

Na pergunta, sobre como a internet está *presente hoje* na vida dessas idosas, as categorias foram: *Contato com o meio externo* ($f=5$), sendo uma ferramenta que possibilitou usar redes sociais, achar amigos e parentes, fazer pesquisas, estar informado sobre o meio externo; *exaustão/saturação* ($f=3$), onde falava-se do cansaço pela repetição e quantidade das notícias e lives, sendo necessário a criação de regras e horários para fazer uso.

Duas das três idosas que apresentaram exaustão no uso da internet já haviam informado que já tinham algum contato com a internet antes da pandemia. Parece importante ressaltar o depoimento de uma idosa que viveu um maior isolamento até se adaptar ao uso de celulares e computadores com internet: “passei muito tempo sem conversar; nessa miserável relação que nós tivemos por um ano” (P5). Como afirma Castro (2019), os idosos –ou alguns deles, já que não devemos generalizar como um único grupo– são como estrangeiros, apresentando sotaques nessa nova inserção, nesse novo mundo. Apesar de novos nesse ambiente, é possível afirmar que eles são absorvidos pelas necessidades diárias que vão surgindo e que estão cada vez mais digitalizados, realizando ações como operações bancárias, por exemplo (Ferreira, 2010).

Se alguém, que nunca teve contato com tecnologias, te perguntasse “o que é internet?”, o que você responderia?

Nessa pergunta, pediu-se para que as idosas imaginassem alguém que havia chegado de outro mundo ou de outra realidade e as perguntassem: O que é internet? Foi possível criar uma categoria positiva e outra negativa, sendo que na positiva estava inserida a definição da internet como aquela que serve para *comunicação/interação/conexão* ($f=8$), sendo o que permite a comunicação com tudo; e, dentro da categoria negativa, houve expressões que definiram internet como aquela que é *liquida e limitada* ($f=4$), não sendo capaz de fomentar a consciência crítica, sendo capaz de fazer adoecer, e que te bombardeia o tempo todo e que deve ser usada de forma correta.

Quais são os pontos positivos do uso da internet? E quais são os negativos?

Dentro dos pontos positivos, apareceram expressões parecidas com as já citadas acima, porém, com caráter mais funcional. Assim, dentro dos pontos positivos do uso da internet apareceram categorias como: *Comunicar/aproximar pessoas* ($f=7$) e *conhecimento sem sair de casa* ($f=7$). Viajar, que aparece com frequência dentro das

atividades proibidas na pandemia, foi possível, por meio da internet, que permitiu conhecer novos horizontes: “Novos modelos de aprendizados; você não precisa ir a lugares sagrados ou ao teatro (a internet mostra); nossa vida está mudando e muita gente não percebeu!” (P7).

O mesmo meio que traz conhecimentos, coisas boas e permite aproximar pessoas, traz informações falsas e distanciamento entre os que moram no mesmo ambiente. Assim, dentro de pontos negativos da *internet*, foi possível encontrar as seguintes categorias: *Crimes* ($f=7$), estando presentes pedofilia, perdas financeiras e sentimentais, *fakenews* e *hackers*; *Distanciamento* ($f=2$), distância entre pessoas que estão perto; *Falta de respeito* ($f=3$), como um lugar sem regras, com brigas, provocações, com conhecedores de plantão; *Alarmes/negatividade* ($f=5$), influenciando pessoas velhas, causando tristeza, vírus eletrônicos e vício em jogos.

Nesta última categoria houve a fala de uma idosa que citou a internet como aquela que influencia pessoas mais velhas, dando a entender que o entendimento dos idosos pudesse ser diferente das pessoas em geral. Diferente do trabalho de Castro (2019), os pontos negativos da internet identificados nesta pesquisa, não foram vistos como adjetivos existentes pelo afastamento das idosas desse meio digital. Pelo contrário, percebeu-se que elas trouxeram falas de suas vivências pela aproximação de tal ferramenta.

Geralmente você acessa a internet para qual finalidade?

A finalidade para qual os idosos utilizam a internet foi: *Redes sociais/mensagens* ($f=6$), aparecendo redes sociais como *WhatsApp*, *Messenger*, *Instagram* e o *Facebook*; *Interação* ($f=2$), pelo fato de permitir procurar pessoas e conversar com parentes; *Conhecimento* ($f=3$), sendo possível conhecer novos mundos, culturas, e fazer atividades como macramê; *Entretenimento* ($f=2$), onde-se utiliza para fazer orações, assistir Netflix

e jogar. Em concordância do que diz a literatura, redes sociais como *WhatsApp* e *Facebook* são citados como ferramentas utilizadas com frequência pelos idosos (Ferreira & Teixeira, 2017; Marchi, 2019).

A internet é apontada, como ferramenta utilizada como meio de contato com amigos e familiares, aumentando o sentimento de pertença, evitando isolamentos que podem ocorrer com aposentadoria, morte de algum parente ou mudança de casa de algum familiar. Além disso, considera-se possível o aumento da autoestima e qualidade de vida por parte dos idosos usuários desse serviço (Ferreira & Teixeira, 2017; Meireles & Fortes, 2016).

Considerações Finais

Como aponta Veras (1994), não é possível pensar no estabelecimento de padrões únicos ao se pensar a velhice ou o envelhecimento. A velhice, e a forma como ela é vista, perpassa por diversas concepções, entre elas a social e psicológica, que contribuem para a visão de “ser idoso”. Podemos falar de velhices, no plural, uma vez que visualizamos diversas concepções, significados e formas de se viver essa fase da vida.

A velhice, que se apresenta com uma face feminina, não é sinônimo de doença ou de dependência. Inclusive, a pandemia trouxe uma realidade que permitiu a visualização dessa afirmação: Pessoas idosas com seus benefícios e aposentadorias se mostraram mais estáveis, e em muitos casos representaram o apoio e sustento de sua família (Camarano, 2020; Gomes, 2020).

Apesar da identificação de um grupo de idosas que foram capazes de romper com suas limitações ou crenças de impossibilidade de se adentrar nesse mundo digital, tem-se a consciência de que essa não é a realidade de muitas pessoas idosas brasileiros, que por questão de condições e oportunidades, de raça, classe, entre outros determinantes, não tiveram acesso e nem alfabetização, por exemplo, que facilitariam na maior aproximação

da internet e suas ferramentas. Estas pessoas, para além das barreiras entre o mundo real e o virtual, se deparam com a limitação da exclusão social.

Longe de encerrar uma discussão que é tão rica, atual e necessária, principalmente pela visualização da pessoa idosa como figura que pode ser ativa e que se adapta às novas necessidades e inovações da vida, chegamos ao final desse recorte da pesquisa visualizando a concepção sobre “ser idoso”, como aquele que, apesar de estar em uma idade que permita ser sábio e experiente, ainda é limitado, frágil, suscetível a doenças, trazendo, inclusive, o reflexo de uma geração idosa – e de uma sociedade– que não aceita imagem da velhice como fase a ser vivida de forma positiva e saudável. Ao se pensar no contato das pessoas idosas com a internet, percebe-se as respostas vinculadas ao sentido prático e, principalmente, útil, que a internet teve em um contexto de pandemia. Ela serviu para dar voz e vida por meio das ligações e vídeos-chamadas, permitindo um contato em um momento de isolamento, de medo e de muitas vezes, solidão. A descoberta da internet, para alguns, assim como a exaustão pelo excesso de uso, para outros, durante a pandemia, também é uma característica a ser apontada para este grupo.

Além disso, aparecer na resposta sobre “ser idoso”, o aspecto de saúde, doença e limitação pode também estar vinculado ao momento de pandemia que vivemos e que impôs a necessidade de maior cuidado das pessoas idosas, classificados como os do “grupo de risco”. Com a pandemia e por meio das respostas obtidas neste estudo, é possível afirmar a possibilidade do rompimento com a visão de que a pessoa idosa não é capaz de aprender, ou de se inserir nesse mundo digital que cada vez mais está presente em nosso “mundo real”.

Referências

- Araújo, L. F. D., Coutinho, M. D. P. D. L., & Santos, M. D. F. D. S. (2006). O idoso nas instituições gerontológicas: um estudo na perspectiva das representações sociais. *Psicologia & Sociedade, 18*(2), 89-98.
- Bardin, L. (1977). *Análise do discurso*. Edições, 70.
- Berquó, E. (1999). Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In A. L. Neri, & G. G. Debert (Orgs.), *Velhice e Sociedade* (pp. 11-40). Papirus (Coleção Vivacidade).
- Câmara, R. H. (2013). Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às associações. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 6* (2), 179-191.
- Camarano, A. A. (2018). A hora e a vez dos idosos boomers. *Sumários Revista da ESPM, 24* (4), 10-15.
- Camarano, A. A. (2020). Os dependentes das rendas dos idosos e o coronavírus: órfãos ou novos pobres?. *Ciência & Saúde Coletiva, 25*(2), 4169-4176.
<https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.30042020>
- Camarano, A. A., Kanso, S., & Fernandes, D. (2016). Brasil Envelhece antes e pós-PNI. In A. de O. O. Alcântara, A. A. O. Camarano, & K. C. O. Giacomini (Orgs.), *Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões* (pp. 63- 106). Ipea.
- Castro, A. (2019). *Aceitação e adoção da internet entre idosos: um estudo de representações e práticas sociais* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/206268>

- Chaves, A. M., & Silva P. de L. (2011). Representações Sociais. In L. Camino, A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Orgs). *Psicologia Social: temas e teorias* (pp. 299 a 349). Technopolitik.
- Correa, M. R., & Justo, J. S. (2021). Pandemia e envelhecimento. *Revista Espaço Acadêmico, 20*, 50-60.
- Coutrim, R. M. D. E. (2006). Algumas considerações teóricas e metodológicas sobre estudos de sociologia do envelhecimento. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 9*(3), 67-88.
- Ferreira, M. A. S. (2010). *O idoso e a internet: uma relação possível* [Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Brasília]. Biblioteca Digital de Dissertações da UCB. <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/123456789/1299>
- Ferreira, M. A. S., & Alves, V. P. (2011). Representação social do idoso do Distrito Federal e sua inserção social no mundo contemporâneo a partir da internet. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 14*(4), 699-712.
- Ferreira, M. C., & Teixeira, K. M. D. (2017). O uso de redes sociais virtuais pelos idosos. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, 22*(3), 153-167.
- Gomes, M. das G. C. (2020). Velhice dependente: o ônus do cuidado sobre as famílias. *Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social, 1*(1), 01-13.
- Kantar Organização (2021). *Kantar IBOPE Media apresenta dados sobre tecnologia e aceleração digital para Masters*. Kantar IBOPE Media. <https://kantaribopemedia.com/conteudo/kantar-ibope-media-apresenta-dados-sobre-tecnologia-e-aceleracao-digital-para-masters/>
- Lei n.º 10.741, de 1 de outubro de 2003. (2003). *Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências*. Presidência da República.

[https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm#:~:text=LEI%20No%2010.741%2C%20DE%201%C2%BA%20DE%20OUTUBRO%20DE%202003.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Estatuto%20do%20Idoso%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs.&text=Art.,a%2060%20\(sessenta\)%20anos](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm#:~:text=LEI%20No%2010.741%2C%20DE%201%C2%BA%20DE%20OUTUBRO%20DE%202003.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Estatuto%20do%20Idoso%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs.&text=Art.,a%2060%20(sessenta)%20anos).

Marchi, B. F. de (2019). *Afetividade e Cognição no uso de redes sociais digitais por idosos* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo].

Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFES.

<http://repositorio.ufes.br/handle/10/11296>

Meireles, S. L., & Fortes, R. C. (2016). Os benefícios da internet na vida dos idosos do município de Luziânia-Goiás. *Revista de Divulgação Científica Sena Aires*, 5(2), 117-123.

Minayo, M. C. D. S., & Firmo, J. O. A. (2019). Longevidade: bônus ou ônus?. *Ciência e saúde coletiva*, 24 (1), 01-01. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018241.31212018>

Moura, M. M. D. D., & Veras, R. P. (2017). Acompanhamento do envelhecimento humano em centro de convivência. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 27 (1), 19-39. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312017000100002>

Pádua, M., & Beche, P. (2018). 60 anos: o fim da linha ou o início de uma nova trajetória?. *Sumários Revista da ESPM*, 24(4), 18-23.

Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios. (2020, julho 28). *PNAD Contínua TIC 2018: Internet chega a 79,1% dos domicílios do país*. Editora Estatísticas Sociais. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domicilios-do-pais>.

Programa de Extensão (131). *Documento interno – Espelho da Universidade Aberta a Pessoa Idosa, Câmara de Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo.*

Departamento de Serviço Social, Universidade Federal do Espírito Santo.

Romero, D. E., Muzy, J., Damacena, G. N., Souza, N. A. de, Almeida, W. da S. D., Szwarcwald, C. L., Malta, D. C., Barros, M. B. de A., Junior, P. R. B. de S., Azevedo, L. O., Gracie, R., Pina, M. de F. de, Lima, M. G., Machado, Í. E., Gomes, C. S., Werneck, A. O., & Silva, D. R. P. de (2021). Idosos no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho. *Cadernos de Saúde Pública*, 37 (3), 01-16. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00216620>

Schneider, R. H., & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(4), 585-593. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>

Vala, J. (2002). Representações sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano. In J. Vala, & M. B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia social* (pp. 457-502). Fundação Calouste Gulbenkian.

Veloz, M. C. T., Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, V. B. (1999). Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia: reflexão e crítica*, 12(2). <https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000200015>

Veras, R. P. (1994). A vida mais longa no mundo: determinantes demográficos. In *País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil* (pp. 01-49). Relume Dumará.